

Artigo Original

O Regionalismo na Literatura Latino-Americana, o problema identitário dos povos latinos.

Fernando da Rocha Rodrigues¹¹Aluno regular de Doutorado do CPDA-UFRRJ, Professor efetivo do Instituto Federal Goiano.**INFO ARTICLE**

Histórico do artigo
Recebido: 29 março 2018
Aceito: 25 abril 2018

Palavras-chaves:

*Literatura
Identidade
Regionalismo Literário*

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar as contribuições da Literatura no campo da denúncia social no que tange a uma leitura sociológica dos textos literários. Nesse sentido, as obras "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, "Os Sertões" de Euclides da Cunha, "Pedro Páramo" de Juan Rulfo servirão de base para uma análise do problema identitário latino americano que contrapõe propostas e projetos de uma pretensa unificação estereotipada dos povos latinos, em especial, brasileiros.

Se imaginarmos a importância e os diversos papéis da arte de forma geral, percebemos que de alguma maneira todas as artes se encontram em algum lugar singular e fornecem visões e percepções plurais da vida, da história e do imaginário. Nesse sentido, elas cumprem um papel fundamental, o de abrir possibilidades de ampliação de horizontes em relação ao passado - presente - futuro.

Não obstante as artes, entre elas, a literatura, também se estrutura como elemento de denúncia social, assim como os escritos irônicos de Machado de Assis buscaram ridicularizar a sociedade novecentista latente no Brasil e a influência exercida pelo jogo de classes em seus campos de ação. Como o que está ironicamente descrito em Memórias Póstumas de Brás Cubas, "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos" demonstrando a ironia como mecanismo crítico apesar das regras de boa sociabilidade a serem seguidas pelo personagem. Machado, porém, embora seja um dos mais notórios representantes da literatura brasileira, não foi o único a emprestar seus olhos e olhares para uma interpretação crítica, avaliação e até ridicularização de uma sociedade em relação a seu desenvolvimento.

Antônio Cândido (2000) afirma que a literatura desempenha o papel de instituição social ao utilizar a linguagem como meio poderoso de mobilização social. Não seria o caso de reconhecer que, o grande evento do conflito de Canudos ocorrido no sertão baiano antagonizando determinados Brasis que poucos até então conheciam e que a República fez todo o possível para apagá-lo da memória tenha permanecido vivo, como demonstração da miséria, descaso, abandono e rusticidade do nordestino frente ao movimento

positivista que buscara sua total aniquilação?. nota-se uma das arestas de nosso problema identitário frente ao processo civilizatório que desconsiderava outras realidades, por vezes esquecidas de nossa formação nacional.

A ideia de identidade serve para uma infinidade de abordagens diferentes. No pensamento de Roberto DaMata (1986) a noção de identidade social auxilia na construção de uma identidade nacional, esses perfis identitários seriam então construídos a partir das fórmulas dadas pela sociedade, e não criados simplesmente pela escolha pessoal e individual. Nesses termos, o processo colonizador, o avanço do cientificismo e a modernização colocou em cheque uma noção plena de identidade tanto do povo brasileiro quanto dos povos latinos em geral. A hibridização étnico-cultural, a sobreposição da dominação cultural a que povos latinos foram submetidos, acarretou uma complexificação de sua própria construção identitária também denunciados por Darcy Riberio a cerca do surgimento do "Zé Ninguém"¹.

Na América Latina, autores diversos se mostraram preocupados com a relação estabelecida entre identidade, etnia, nação, que corriqueiramente são refletidos sobre a construção das identidades étnicas, regionais e nacionais, conceitos por vezes interligados, mas que se mostram problemáticos frente ao processo 'civilizatório' oriundo de uma sobreposição de identidades diferentes. Frente a esse desconexo processo de imposição identitária e na tentativa de legitimá-lo, observa-se uma tentativa de aviltamento de uma história oficial que, para Stuart Hall, tem por objetivo criticar o estabelecimento de hierarquias culturais, nas quais algumas culturas são consideradas superiores a outras.

¹Conceito de Darcy Riberio (2009).

É nessa perspectiva que as obras aqui analisadas propõem apresentar, sob um olhar sociológico, o problema identitário dos povos latinos, em especial brasileiros frente a uma problematização da concepção identitária em suas diversas variações interpretativas.

Seria o caso de reconhecer, conforme apontou Bertold Zilly (2001) que sem a obra de Euclides da Cunha possivelmente o conflito de Canudos teria sido apagado da memória, ou ao menos minimizado em termos de importância. Nesse sentido, Euclides da Cunha transformara um evento histórico carregado de diversas interpretações, inclusive de intelectuais da época como Machado e Bilac - em uma obra de arte dramática em três atos: A terra, O homem, O conflito; o que comprova que a literatura como arte tem a possibilidade de imortalizar eventos, mas, acima de tudo, de fomentar denúncias sociais, descasos, mazelas, mas também, belezas naturais e humanas, características de hibridização dos povos, dos imaginários, das influências externas e das construções internas de nossas obras.

Não seria o caso de que nosso Ubirajara tenha sido melhor que o grande Odisseu, ou que Peri tenha para nós melhor representatividade que Lancelot no ciclo bretão dos cavaleiros da tábula redonda?

É nessa teia de significações que apontamos a seguir, a importância da literatura a partir também de um olhar sociológico e suas representatividades específicas em que as obras estão carregadas de significações, denúncias e demonstrações riquíssimas de elementos narrativos dignos de serem estudados e apropriados nas ciências sociais.

Se retomarmos a obra "Os Sertões" de Euclides da Cunha, perceberemos contribuições em diversos campos das artes. Na descrição da terra, dos processos de desertificação, dos conhecimentos de geologia, biologia, geografia, geomorfologia entre outros - na descrição do homem, com os conhecimentos em filosofia, antropologia, psicologia etc, acarretados a partir da influência da cientificidade de sua época - mas em "a luta" o autor demonstra uma narrativa impactante, desconstruindo a visão singular atribuída ao povo brasileiro, ao povo latino, e que de certa forma ainda permanece dicotomizado na visão simplista e chula.

Euclides entra para a literatura universal ao demonstrar que se incorreria num equívoco classificar o brasileiro dentro de barreiras tão singulares, e demonstra a existência de outros povos, outros Brasis, outras culturas, outras características. Dito de outra forma, Euclides da Cunha coloca em debate a miscelânea significativa de nossa identidade. Dada sua competência literária "encarna", fornece carne aos ossos secos do sertão demonstrando que outras maneiras de vida foram sonhadas e imaginadas; "o sertanejo é, contudo, um forte", "um Hércules Quasímodo", feio, forte, sonhador e lutador, acima de tudo, também são brasileiros.

Se devemos a Euclides a memória viva de que o evento de Canudos representou uma das mais sangrentas e cruéis carnificinas de povos abandonados e esquecidos - Cândido (2000) então tinha razão ao afirmar que a literatura serve como mecanismo de denúncia e mobilização social.

Dito isto, procuraremos alinhar, se é que seja possível, duas obras literárias que consideraríamos marcantes para reforçar nossas afirmações de que, a literatura como arte, serve também como denúncia social e mobilização social. Nesse sentido as obras: Vidas Secas de Graciliano Ramos e Pedro Parâmo de Juan Rulfo estará servindo de ponto de apoio à nossa argumentação inicial.

Em Vidas Secas - Graciliano escreve um clássico da literatura brasileira em que diversas análises podem ser abstraídas, desde a questão psicológica do homem e seu isolamento de si e do mundo, também uma descrição do sertão

brasileiro e suas mazelas sociais, da luta de classes, do descaso do governo, da descrição do tempo, da inexistência de sonhos e perspectivas e corroborando Euclides - da força do sertanejo. O livro é seco, tudo é seco, seco de água, seco de palavras, seco de sonhos, seco de diálogos, seco de perspectivas. Fabiano (personagem central do livro) não compreende os motivos que leva o governo pisar nos pés dos trabalhadores, ele sabe que está sendo enganado pelo patrão, mas é suficientemente seco de palavras para expressar seu inconformismo.

As personagens são secas de sonhos, exceto a cama de couro sonhada pela esposa de Fabiano, o inferno sonhado e incompreendido pelo filho mais velho, que ao ouvir o que seria aquilo não encontra respostas e que passa a imaginar de que mundo o padre estaria falando. Os filhos, não são nomeados no livro, são tratados como "meninos" o que demonstra as características do não lugar da infância no sertão e em espaços duros de significados conforme trabalhou Michel Foucault (2003); também expressos na música de Chico Buarque "meu guri" e no clássico do cinema novo de Walter Salles "abril despedaçado" em que a dureza das relações do sertão são explicitadas, as características temporais, os conflitos familiares, a pobreza e rudeza do sertão e os códigos de honra.

A narrativa se apresenta com poucos diálogos, o que demonstra a característica da rusticidade e subalternia² a que os sertanejos estão submetidos, a vida dura, o trabalho oco, a sobrevivência e as retiradas em busca de vida melhor. A secura do livro é quebrada na compaixão de Fabiano diante da morte da cachorra baleia - esta que morre sonhando com o céu repleto de preás, mas que até seus sonhos também são secos, posto que não exista nenhum cachorro fagueiro disposto a lhe fazer a corte. A realidade dura do sertão, a luta por um mundo melhor, pela sobrevivência, contrasta na obra, com um Brasil cosmopolita, racional, cidadão e desenvolvido. Deixa-nos a obra perceber, que mesmo o sertanejo sendo um forte, o descaso governamental produziu diversas mazelas sociais por todo o país e que só pôde ser acessado primeiramente pela Literatura.

A obra de Graciliano se localiza ante ao projeto nacionalista do Estado Novo que há tempos vinha ocupando intelectuais de diversas épocas. Seria então o momento de uma redescoberta do Brasil no sentido de apontar a diversidade nacional e suas diversificadas características. De acordo com Melo (2001, p.66)

Os intelectuais e literatos, desenganados pelo fracasso da República, durante as primeiras décadas do século XX, buscavam compreender o Brasil através dos constates e do confronto entre o Brasil real e o legal, o tradicional e o moderno. Até os anos 20 era incontestado, nessa interpretação, a visão positivista de inspiração comteana. Já aqui surgiam os dois brasis, aquela moderna civilização litorânea e o sertão distanciado espacial e temporalmente desta. Euclides da Cunha daria o passo decisivo frente ao desconforto e ao choque. Com "os sertões", uma nova concepção de Brasil surge.

Graciliano esteve entre esses intelectuais da geração de 1930 demonstrando, a exemplo de Euclides da Cunha, outro Brasil; o sertão do descaso, das mazelas e abandono, seco, insípido, vazio de sonhos e palavras.

Vidas Secas escancara esse Brasil até então pouco conhecido frente ao projeto nacionalista identitário, serve de denúncia e demonstra o tamanho do desafio a ser enfrentado na compreensão e construção de uma identidade nacional.

O projeto modernizador que iniciara com a revolução de 1930, pretendia promover uma renovação do país, rompendo com velhas estruturas agrárias com bases coronelísticas e clientelistas, o desafio agora em compreender e transpor as

² Conceito de Subalternia. Para um sumário das relações sociais brasileiras no campo, ver "O poder sobre o território e classes

subalternas" MOREIRA (2007, p. 333-344).

bases estruturais de um Brasil tradicional com fortes raízes agrárias. O paradoxo instaurado entre as bases estruturais de que falamos acima e a pretensão de fomentar uma modernidade nacional se tornou tema recorrente entre intelectuais da época que buscaram compreender de quais bases o projeto se referia. Os debates intelectuais estavam calcados numa certa ideologização que fomentava preocupações sociais ou religiosas, conservadoras ou progressistas.

Nessa gama de discussões, torna-se latente perceber a emergência das primeiras obras de cunho marxista com a introdução de conceitos como proletariado, luta de classes, burguesia, entre outros. Contudo, o autoritarismo expresso pelo Estado Novo se fez sentir com a caça aos comunistas estabelecendo restrições de todo tipo, o que escancarava o caráter autoritário do governo. Alguns intelectuais, mesmo participantes dos quadros da cultura estadonovista, conseguiram estabelecer uma crítica velada ao quadro político da época mantendo suas posturas independentes.

Para Melo (2001, p.68), “o caso Graciliano Ramos é mais um exemplo”. Abertamente crítico do autoritarismo estadonovista e simpatizante do comunismo, acabou preso em 1936 e no cárcere se aproximou dos comunistas também detidos. Após sua libertação em 1937, decide ficar no Rio de Janeiro e escreve diversas crônicas e contos para publicação nos jornais da capital. Esses artigos e crônicas escritos retratam as lembranças de infância e os costumes do interior nordestino, descreve personagens e situações na forma de quase um memorial. Seus escritos contrastam com o desejo estado novo de Vargas, posto que remonta figuras pictóricas de um sertão sem cores ou adornos - daí a importância de sua arte enquanto crítica social. Para Melo (2001, p.69)

Da perspectiva tutelar da política Getulista, de propagandear um movimento de cultura brasileira firmado na recuperação das raízes nacionais, de tom ufanista, era preciso escapar através da ironia, ou de um retrato cru dessa realidade. O tom acrimonioso desfaz os louros comemorativos da redescoberta do Brasil matuto, sertanejo, antiquado, ao litoral macaqueador das civilizações do outro mundo, sua crítica recai sobre o artificialismo bem pensante que, sob o fraque, esconde a tanga.

Como se pode perceber, a questão relacionada a identidade nacional se apresenta ante várias dicotomias e desencontros, e ainda nos dias atuais verticalizam seus problemas interpretativos que há tempos já fora denunciado pela arte, em especial, a literatura.

Na obra de Graciliano Ramos, como já dissemos anteriormente, não se trata de uma postura ufanista do sertão nordestino, mas numa visão crítica e persistente acerca das transformações sociais e econômicas que guiavam o país, e nas quais o Nordeste lentamente ainda se arrastava.

A questão relacionada a identidade nacional nos parece ser problemática em todos os territórios que foram colonizados. Nesse caso, a literatura procura demonstrar tais complexidades ao lado de outras artes e tem a pretensão de desvelar o obscuro. Assim, diversas obras literárias em toda a América Latina, procurou demonstrar os problemas identitários e de compreensão das ambiguidades locais.

Pode-se enumerar destacadas obras que darão conta desse rico debate acerca do tema, tais como “Facundo” de Sarmiento que procurou demonstrar as ambiguidades na Argentina a luta pela independência permeada pela violência e descaso. “Ecu Yamba o” de Alejo Carpentier que procurou demonstrar o caso cubano. As destacadas obras ficcionais de “Jorge Luiz Borges” com seu realismo fantástico e, em especial, as características do caso mexicano na obra de Juan Rulfo na novela “Pedro Páramo”. A análise da obra “Pedro Páramo” propõe problematizar aspectos semelhantes acerca do

problema identitário experienciado também no México a partir do processo colonizador e o descaso com a cultura e o imaginário indígena, típico dos processos de imposição cultural.

Rulfo procura demonstrar e denunciar através da literatura as complexidades de uma noção identitária do México que a partir de nosso olhar, se estende aos demais povos da América Latina em que o processo da colonização e civilização não incluía o diferente, e acabou por destituir a América daquilo que poderia ser se não fosse o que foi. Dito de outra forma, o processo colonizador retirou da América Latina parte de sua potencialidade em “ser” e acabou construindo arremedos de identidade.

Em seu livro Pedro Páramo, publicado em (1955), várias histórias vão se intercalando em torno da personagem Juan Preciado que promete no leito de morte de sua mãe, retornar as origens, ou seja, o povoado de Comala, para cobrar do pai Pedro Páramo o que de direito lhe cabia.

Comala era um amontoado de ruínas físicas, imaginárias, identitárias e sobremaneira uma ruína memorial que entrelaçavam vivos e mortos, imbricando-os num tempo sem fronteiras que estabelece uma ida e vinda temporal.

Pedro Páramo é a figura central do livro, e sua busca por Juan Preciado se envia num mundo memorial de mortos que falam a partir de suas tumbas e desnudam uma Comala que já foi e que não voltará a ser.

Pedro Páramo, o poderoso fazendeiro, dono das terras, que se casou por interesse e que já morto ainda provoca temor e interesse. A narrativa demonstra, a partir do universo da memória, toda a trajetória de Pedro Páramo desde a infância até sua morte executada por um de seus filhos que o tomba como pedras em ruínas. Nesse caso, a narrativa divaga entre mito, história, fábula e um universo fantástico e fantasmagórico, ao exemplo dos contos de Jorge Luiz Borges, em especial “Funes o memorioso”.

Nessa busca desenfreada pelo pai e pelos seus direitos históricos, Juan Preciado morrerá também em Comala, e possivelmente incorporará as diversas vozes memoriais e reais do vilarejo, trazendo novo sabor e tempero às memórias da terra que tem cheiro de mel derramado - Comala.

A nossa leitura do livro foi dirigida por um olhar na problemática da formação identitária do povo mexicano, afeito ao conquistador, com civilizações indígenas devastadas (Astecas, Maias etc.), em nome da civilização e da civilidade. A narrativa desarticula sequências de fatos e se envereda para diversos campos interpretativos que não encontram conexão viável para uma formação identitária de um povo. Logo, a narrativa se apresenta de maneira estereotipada - a mãe tem uma história e motivação, Juan o filho, tem sede de justiça, a infância se mistura, o pai cacique se apresenta a partir das memórias mortas que vivificam para elucidar a complexidade do local que mistura fantasia e realidade, mortos e vivos.

[...] E embora não houvesse crianças brincando, nem pombas, nem telhados azuis, senti que o povoado vivia. E que se eu escutava apenas o silêncio era porque ainda não estava acostumado ao silêncio; talvez porque minha cabeça viesse cheia de ruídos e de vozes. De vozes, sim. E aqui, onde o ar era escasso, ouviam-se melhor essas vozes. Ficavam dentro da gente, pesadas. Recordei o que minha mãe me dissera: “La você me ouvirá melhor. Estarei mais perto de você. Você irá sentir mais perto a voz de minhas lembranças do que a da minha morte, se é que algum dia a morte teve alguma voz”. Minha mãe ... A viva. Queria ter dito a ela: você enganou-se de endereço. E me deu o endereço errado. E me mandou ao onde fica isto, onde fica aquilo? A um povoado solitário. Procurando alguém que não existe. Rulfo (2016, p.20)

Toda a narrativa nos leva a pensar um “não lugar” dos povos latinos frente a dominação e aculturação imposto pelos colonizadores, que retiraram a “vida” e deixaram no lugar dela, fantasmas, ruínas, depositórios de memórias que ainda residem no lençol freático do inconsciente, sendo possível acessar com as fantasmagóricas histórias locais.

O retorno do órfão Juan Preciado ao povoado de Comala, remonta a importância de se conhecer as origens, e que só pôde ser observada pelos “olhos” de sua mãe e pelos fantasmas locais que o autor estabelece como metáfora para falar da memória.

O regresso está concatenado com a busca de uma identidade mexicana, de que, e o que realmente o povo mexicano e doravante latino, poderia ter navegado rios mais claros, mais límpidos e com menos tons escarlates da dominação europeia.

É nesse sentido que a mãe diz “vá e exija o que lhe cabe”, ou seja, encontre suas raízes, veja além do construído como verdade e exija que sejamos o que deveríamos ter sido.

Essa exigência de direitos está relacionada com a importância da identidade que fora arrancada dos povos latinos. Nesse caso os latinos não poderiam ser o que eram, e ao se transformar em outro, acabou por não ser o que deveria ter sido. Essa dicotomia se explicita nas lembranças de sua mãe Dolores, que narrava o povoado de Comala (México? América?) como uma visão edênica, de terra bela, fértil... O que vai contrastar com o cotidiano experienciado por Juan Preciado. As imagens construídas a partir da memória de Dolores, rememoram paradisiacamente sua relação com a terra, com a comida, com as campinas verdes, com a cozinha numa terra que tem cheiro de mel derramado; por um lado, e seu rancor à Pedro Páramo por outro lado.

Juan Preciado. [...] eu imaginava ver aquilo através das recordações de minha mãe; de sua nostalgia, entre fiapos de suspiros. Ela viveu sempre suspirando por Comala, pelo regresso; mas jamais voltou. Agora, venho eu em seu lugar. Trago os olhos com que ela viu estas coisas, porque me deu seus olhos para ver: “existe, passando o desfiladeiro dos Colimontes, a vista muito bela de uma planície verde, um pouco amarelada por causa do milho maduro. Desse lugar a gente vê Comala, branqueando a terra, iluminando a terra durante a noite”. E sua voz era secreta, quase apagada, como se falasse sozinha ... Minha mãe. [...] e o que traz o senhor a Comala, se é que se pode saber? [...] vou ver meu pai - respondi. Páramo (2016, p 16)

Essa visão da terra como o paraíso, foi idealizada por Dolores que procurava, no porvir, vivenciar uma experiência única de uma terra bela e feliz, totalmente desarticulada pelo processo de empoderamento e imposição cultural. Nesse caso, esse futuro relevante, grande, belo - seria possível apenas no campo imaginativo. Não estaria nesse momento construindo uma potente crítica ao processo colonizador o autor da obra? Não se poderia aceitar que a novela Pedro Páramo, conforme sustentamos anteriormente, como obra de arte estaria servindo de denúncia social afim de certo desejo por mobilização ou reflexão intelectual da realidade latino-americana?

As mensagens, os murmúrios, as vozes fantasmagóricas e sua relação com as categorias do tempo presente-passado, não fariam uma menção ao retorno do que poderia ter sido se não fosse o que foi? Ou seja, uma tentativa aprofundada da arte no tentar entender a realidade sociocultural dos povos latinos.

Nesse caso a narrativa como ato socialmente simbólico conforme o proposto por Jameson (1992) de que os artefatos culturais e suas representações estéticas, derivam de todo um arcabouço histórico, e que os intelectuais que produziram imagens representativas estiveram concatenados com os

processos históricos ao demonstrar seus conflitos, contradições, reificações e absurdos.

Dito de outra forma, a arte sendo uma constante na história da humanidade, e o fato de que todas as culturas produzem um tipo de arte peculiar, o que dificulta sua definição. E se partirmos do pensamento de estudiosos da arte, pode-se notar que ela estaria sujeita a representar o belo, o que também a torna relativa, posto que o belo é algo também conceitual. Aqui, todavia, entendemos a arte e a literatura como uma de suas ramificações, como objeto de denúncia e mobilização social no sentido de desvelar o encoberto e escancarar o óbvio inerte sob as imposições ideológicas.

Se estivermos corretos, as obras acima citadas demonstram a importância da literatura como ferramenta de imortalização das realidades obscurecidas seja por projetos políticos, seja por visões romantizadas de um ideário imposto de fora e que pretende singularizar o plural e absolutizar o relativo.

As obras apontam no caminho de uma problemática formação identitária que, como já fora dito, reduziu a potencialidade do “ser”, frente ao que não foi. A partir da formação de uma história oficial, contada, rememorada e reificada, diversas realidades e possibilidades analíticas são encobertas frente ao lençol obscuro das verdades inventadas.

Referências

- Cândido, A. (2000) *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: editora 34.
- Carpentier, A. (1989) *Écue- Yamba- Ó*. Trad. de Mustafá Yazbek. São Paulo: Brasiliense.
- Cunha, E. da. (2000) *Os Sertões*. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. S. Paulo, 2. ed., Ática.
- DaMatta; R, (1986) **O que faz o Brasil, Brasil?** EditoraRocco, Rio de Janeiro.
- Foucault, M. (2002) *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo, Martins Fontes.
- Jameson F. (1992) *O inconsciente político. A narrativa como ato socialmente simbólico*. Trad. De Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática.
- Lima, E. N. de *et al* (orgs.). (2001) *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad.
- Ramos, G. (1998) *Vidas Secas*, Rio de Janeiro: Record, 74ª edição.
- Ramos, G. (2004). *Vidas secas*. São várias as edições. Utilizaremos também o filme de Nelson Pereira dos Santos sob o mesmo título e baseado nessa obra.
- Rulfo, J. (2009) *Pedro Páramo*. Santiago de Chile: Editorial RM.
- Sarmiento, D. (2008) *Facundo ou civilização e barbárie*. Várias edições
- Zilly, B. (1999) “Sertão e nacionalidade: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha”, In: *Revista de Estudos Sociedade Agricultura*, nº 12, abril de 1999. Rio de Janeiro: UFRRJ/ICHS/DDAS/CPDA